

abriu caminho, que Lisboa seguiria depois. O historiador maranhense escrevia, ante o fundo feudal que constituía a base que sustentava a facção conservadora: “Receais a guerra civil, não existe ela já porventura, quando se assassina, e quando os matadores, à frente de uma tropa numerosa e em atitude ameaçadora, estão ainda brandindo os punhais ensangüentados? Não poderá ela acaso rebentar também do criminoso abandono em que se deixa uma população inteira? Quer-se-á que cada um entregue às suas próprias forças, deixado a caminho da lei, encete o das vinditas particulares tão funestas e desastrosas?” João Francisco Lisboa não esposaria, entretanto, a causa dos amotinados. Nem mesmo Estevão Rafael de Carvalho, mais extremado na pregação, a esposaria. As acusações a ambos, nesse sentido, levantadas e pugnazmente sustentadas por Sotero dos Reis, carecem de fundamento.

Foi a *Balaiada*, sem qualquer dúvida, movimento camponês deflagrado e mantido por força de condições regionais específicas, em circunstâncias também específicas. A pregação da imprensa liberal da província teve influência muito remota e frágil nela. O movimento era plebeu, com razões e métodos plebeus. Liberais de direita ou de esquerda, no Maranhão, influíram pouquíssimo nele. Capistrano de Abreu teve razão, quando o qualificou como “revolta da plebe contra os potentados do Maranhão”. O elemento intelectual mais próximo dos amotinados, com papel indiscutível nos acontecimentos, foi Lívio Castelo Branco, que exerceu sua atividade no Piauí e se integrou no movimento a partir do instante em que a coluna de Raimundo Gomes entrou naquela província. Lívio figurou no cerco de Caxias, participou do assalto a Piracuruca, bateu-se em Santa Rita. Foi, no caso, um militante, um combatente, — não um jornalista.

Esmagado o movimento, desapareceu no sertão do Ceará e ocultou-se em Pernambuco. Anistiado, voltou ao Maranhão e foi então que começou a sua infatigável atividade de imprensa. Redigiu, em 1844, *A Malagueta Maranhense*, em S. Luís. Passando a Caxias, lançou *O Liberal Piauiense*. Em 1850, encontrava-se em Oeiras, à frente do *Ancapura*, a que se seguiu, ainda ali e no ano seguinte, o *Argos Piauiense*. Em 1856, agora em Teresina, redigiu o *Correio Piauiense*, enquanto divulgava, para o povo, simultaneamente, *O Patulêia*. Em 1857, publicou *O Conciliador Piauiense*. De 1858 a 1864, com Deolindo Mendes da Silva, redigiu *O Propagador*. Foi, realmente, uma atividade infatigável: sete jornais em pouco mais de vinte anos. Mas não refletiu a luta da *Balaiada*, que não teve imprensa. Nem a perdoaria o latifúndio, que não poupou as vidas e não poupou papéis impressos: “Ordens reservadas mandaram que se fizesse espingardeamentos em massa, sob pretexto de não haver prisões para tantos prisioneiros! As